



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

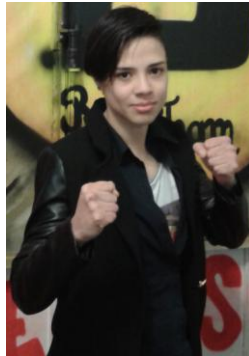
**CARINE BORBA**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-580

**Entrevistada:** Carine Borba

**Nascimento:** 23/03/1989

**Local da entrevista:** Centro de Treinamento Borba Team

**Entrevistadoras:** Isabela Berté e Ayllu Acosta

**Data da entrevista:** 14/07/2015

**Transcrição:** Luiza Loy Bertoli

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 14 minutos e 32 segundos

**Páginas Digitadas:** 23 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Relação com família, amigos e treinadores; Boxe feminino no Rio Grande do Sul; Academia onde iniciou sua prática; Trajetória como atleta; Programa Bolsa Atleta; Patrocinadores e incentivos; Percepção acerca das mudanças corporais; Diferenças na prática de homens e mulheres; Inserção tardia das mulheres no boxe; Projetos pessoais; Contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 14 de Julho de 2015. Entrevista com Carine Borba a cargo das pesquisadoras Isabela Lisboa Berté e Ayllu Duarte Acosta para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Ola, Carine, inicialmente eu gostaria de saber como foi a tua inserção no boxe?

C.B. – Minha inserção no boxe foi quase que uma recomendação médica. Eu trabalhava em um *call center* e depois por situações financeiras eu precisei trabalhar em mais um segundo emprego. Era um *call center* da operadora Tim, cobrança da Tim e o outro era um escritório de advocacia, mas era uma cobrança de *call center*. Ou seja, pressão mais pressão, visando o lucro. E eu comecei a ter vários sintomas aflorados, conforme a linguagem do médico, e não tinha sintomas físicos. Ele me deu o diagnóstico que eu precisava tomar um remédio forte para estresse, um calmante muito forte, um calmante controlado, ou eu tinha que me acalmar. Eu disse que com vinte e um anos eu não ia tomar remédio controlado. Nada contra, mas eu não gostaria disso e ele me deu a opção de fazer uma musculação, um esporte... Como eu nunca tinha feito esporte nenhum, nem corrida, nem pular corda, nem par ou ímpar... Eu ouvi falar no boxe e no muay thai, pois tinha uma quadra e meia do meu serviço e esse foi o motivo para eu me acalmar e acalmar meus ânimos, o meu estresse estava causando doenças físicas. Eu entrei no muay thai, primeira arte marcial foi o muay thai, por causa do estresse e do médico.

I.B. – Essa foi a primeira modalidade esportiva que tu praticou?

C.B. – Isso, o muay thai.

I.B. – E alguém influenciou a tua escolha pelo boxe, amigos, professores, familiares?

C.B. – Sem influência familiar, nem de amigos. Na verdade, em um segundo momento, eu que influenciei meus amigos, o meu ciclo de amigos, colegas e partidários a procurar um esporte. Eu notei muita diferença tanto na minha calma, eu não era mais tão estressada, quanto no meu nível de concentração. Isso ajudou muito no meu desempenho no trabalho e no estudo. Eu me apaixonei mesmo, foi amor à primeira vista. Tentei fazer musculação, não deu certo, não virou o mês, porque é muito monótono, muito repetitiva. A arte marcial

é repetitiva, mas te traz uma atração diferente, uma motivação, o professor está ali junto contigo, uma descoberta do teu corpo, é diferente. E foi por isso.

I.B. – E tu chegou a perceber alguma resistência de treinadores para que mulheres começassem a treinar boxe?

C.B. – Muita. Muita resistência. A mulher no boxe sempre foi tida como um atleta fitness e uma pessoa que faz o boxe fitness, até adquire com o tempo as técnicas dos golpes, golpes retos, golpes curvos, golpes curvados, mas não era... Na época em que eu entrei, não tinha essa apelativa da mídia com o UFC<sup>1</sup>, acho que na época talvez fosse o Popó<sup>2</sup>. O boxe não era ainda uma modalidade olímpica feminina, só masculina, então era uma coisa com muita resistência, não era pouca, era *muita* resistência. “Tu quer treinar boxe Carine, tu pode treinar boxe, mas o teu espaço é ali, porque aqui no meu lado direito é *sparring*<sup>3</sup> que é simulação de luta. Situação de luta é para meninos, você é uma menina. Você não vai querer tomar um soco na cara, não vai querer se machucar. Amanhã tu tem teu trabalho no call center, teu trabalho administrativo.” E na verdade eu não me importei com isso, porque o meu objetivo era só antiestresse, vamos dizer assim. Mas depois entrou outro professor, que é meu técnico até hoje, e disse: “Nossa! Tu é disciplinada, tu tem um estereótipo bom, magrinha e tal. De repente a gente coloca uma massa muscular, um preparo físico e tu compete”. Eu tive estímulo desse professor, que me acompanha até hoje. Não tão diretamente como na época, ele me dava uma atenção quase que exclusiva para mim, mas ainda me acompanha na medida do tempo dele. Na verdade, a minha intenção nunca foi competir, mas eu sempre fui muito política e do contra, muito rebelde, ainda não sei se com causa ou sem causa, mas eu não gostei do tratamento que eu tive. “Como assim eu tenho que ir para a esquerda enquanto todo mundo vai para a direita?” “Como assim? Por que eu sou diferente? Quer dizer que a mulher é limitada?” E isso foi me incomodando, em menos de um mês, quando peguei a base, peguei a situação da guarda e me defender, eu disse: “Não, eu quero ir para lá”. E esse professor tinha muita resistência, isso me incomodou e em um primeiro momento eu comecei a fazer o tal *sparring*, que é a “lutinha” dentro da academia, pelo simples fato de que não podia. Eu gosto de desafios e, com isso, comecei a querer: “Não, mas eu quero”. E aos poucos,

---

<sup>1</sup> Ultimate Fighting Championship.

<sup>2</sup> Acelino Popó Freitas.

mesmo com certa resistência, ele foi deixando. E depois que ele permitiu, esse professor principal, o outro professor que era sócio dele viu me disse: “Oh! Aquela guriuzinha ali de repente dá para nós fazermos um trabalho.”.

I.B. – Existiam outras meninas treinando?

C.B. – Tinha outra menina na época, mais baixinha que eu, muito mais forte que eu, porque o objetivo dela era... Na época não existia essa tendência fisiculturista, mas a intenção dela fazer boxe era o corpo, ela tinha os braços muito fortes, o abdômen definido, e eu disse: “Essa menina é muito esportista, quero chegar perto dela.” Ela era minha referência, mas ela deixou de ser minha referência quando eu vi que ela não tinha intenção com o boxe, era apenas escultural o objetivo dela. Ela nunca incomodou o professor para quebrar as regras, eu fui a primeira dentro da academia.

I.B. – Como é que a tua família e amigos reagiram com a tua escolha pelo boxe?

C.B. – Minha família, mais uma vez, como quase todas as escolhas na minha vida, ela foi resistente. Ela disse: “Bah Cari. De novo? De novo tu quer... Tá todo mundo indo para a direita e tu quer ir para esquerda menina. Não vê que tu vai quebrar o nariz, ficar com olho roxo? De repente o pessoal do teu serviço vai incomodar, vai achar que tu está apanhando do teu namorado”. Por que na verdade a mulher sofre essa questão, hoje em dia é menos, mas o machismo ainda está embutido nos seres familiares, na educação das pessoas. Ainda no século XXI, as próprias mulheres que criam os meninos, elas mesmas, inconscientemente, promulgam o machismo. Se tu encontrar um menino de olho roxo na rua, tu vai dizer: “Ah, ele brigou na rua. Bateu no assaltante. Brigou com o coleguinha”. E se tu ver uma menina, uma mulher, de olho roxo na rua, tu não vai pensar isso, nem mesmo a própria mulher. É sempre a visão machista: “Ah, apanhou, foi agredida”. A gente tem culturalmente essas barreiras a serem quebradas e a minha família foi resistente, sei bem. “Paciência, estou comunicando que estou treinando boxe, se eu vou competir, se eu vou mudar a minha vida por causa disso, não sei. Só estou dizendo que escolhi não tomar o remédio e preferi fazer boxe.” Só que o tal do Orkut<sup>4</sup> na época contou para a minha

---

<sup>3</sup> Simulação de luta entre atletas de uma mesma academia como parte do treinamento de boxe.

<sup>4</sup> Rede social.

família, que como a minha família é do interior, o meu irmão é muito conectado, ele: “Tá que história é essa que tu está fazendo boxe?” E eu disse: “Ah tu leu ali, eu estou fazendo boxe”. Mas a gente tem que ouvir a opinião de cada um e respeitar, principalmente da família. Eu respeito muito a minha família, mas entre respeitar a opinião do teu irmão e tu acatar é outra coisa. “Então tu sabe, beleza, vou continuar fazendo”. Até porque nessa época da vida eu já tinha uma independência financeira, não tinha muito galho. O que não acontece de repente com uma menina que mora com os pais, que possa sofrer essas dificuldades. Por que eu já ouvi casos de mulheres que pararam de treinar por que o namorado não deixa, que o namorado não deixa por que é coisa de menino, que o namorado não deixa por que a academia é um ambiente muito masculino, o cara tem ciúmes. É o famoso não se garante [risos], na minha opinião, ou simplesmente um cara enciumado. Mas é só uma dor de cabeça, não pode ser elemento para tu deixar de fazer, se está te fazendo bem.

I.B. – Como era essa escola em que tu iniciou a prática de boxe?

C.B. – Bem, é uma academia bem diferente do que eu vejo hoje como o ideal, com certa experiência, porque é uma academia de musculação. E academia de musculação e um centro de treinamento tem bastante diferença. Centro de treinamento é pensado para a arte marcial, a academia de musculação tem foco prioritário para musculação e se sobrou um espaço ou o administrador é um amante do UFC ou do próprio boxe olímpico, coloca um tatame e diz: “Bora dar arte marcial”. Contratou alguém, entendeu? Colocou no Facebook... Igual aconteceu esses dias que eu vi: “Preciso de um professor de boxe”. E, infelizmente, as coisas são feitas com muito desleixo e como tem contato físico, não é qualquer um que pode dar aula de boxe. Essa pessoa tem que ser credenciada, ela tem que ser filiada a uma federação, essa federação te dá cursos, ela te diz que tem que alongar, ela te diz que tem que usar uma proteção de cabeça, tem que usar protetor bucal, protetor de seios para mulheres, no caso de batidas pode ter algum nódulo e isso é muito sério. Mais de cinquenta por cento dos professores que dão aula boxe hoje em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, eles não são credenciados. É feito no viés comercial, e isso me preocupa. A pessoa ficar tomando socos todos os dias, não é um negócio que vai prestar, já foi provado cientificamente. Os próprios jogadores de futebol que tem um leve conforto da cabeça na bola, futuramente, podem ter lesões e ficar com limitações. E isso é muito sério.

Na época, era uma academia de musculação, que tinha um tatame no segundo andar e tinha um professor que, pelo que eu sei, não era credenciado. Ele não durou dois meses na academia, eu tinha feito um pacote de seis meses por economia financeira, aquelas promoções. Aí surgiu o outro professor, que era um professor bem mais sério, que já era credenciado, foi quem me trouxe para o mundo das lutas. Foi o sócio dele, que é federado na FRGP<sup>5</sup>... Que é a única federação de boxe hoje que é reconhecida pelo Ministério do Esporte, tem várias associações, mas só tem uma que é oficial. Foi dessa maneira... Hoje eu tenho lesões graves devido ao desleixo do primeiro professor. Eu tenho problema nos meus cotovelos, tenho tendinite do mouse, mas também do boxe, por não saber botar uma bandagem corretamente. Por fazer a manopla, o professor segurar de forma errada, ele ir de encontro a tua mão e daí estoura. Esse tendão do cotovelo, que os dois eu tenho estourado... Hoje, o que eu passo para os meus alunos é dentro dessa metodologia, sem pressa e cuidando muito atentamente da integridade física da pessoa. Daqui a pouco tu consegue treinar um aluno de boxe em dois meses, só que a regra diz que o normal é seis meses. Se tu apurar o passo, ele terá lesões, ao invés dele ter uma vida útil de dois anos, cinco anos no boxe, ele terá um ano. Eu tenho dores há três anos, mas eu sou teimosa. Eu tive essas limitações no primeiro ano que houve falha técnica. Não é uma coisa que eu conto para dramatizar, mas é uma coisa que eu conto, pois é uma experiência que eu não quero promulgar, entendeu? É fazer do limão, uma limonada, eu quero fazer direitinho. E esse professor que é federado, que é o Carneiro<sup>6</sup>, esse professor começou a me dar uma visão que eu não tinha como ter, meu mundo era o administrativo, eu não tinha como saber. É nesse perfil, a minha primeira academia era nesse perfil, perfil de academia que estava ganhando uma grana em relação à arte marcial, não tinha muitos cuidados.

I.B. – E nessa época como que era a situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul? Tu sabe de mulheres que estavam treinando em outras academias, competindo?

C.B. – Nessa época, a nível oficial... Interior não tem como eu te dizer muito, acredito que tenha mais mulheres, mas aí tem limitações de recursos, compra de passagens para poder competir, não tem patrocínio. E a gente já entra em outra discussão: falta de apoio no esporte, tanto para meninos quanto para meninas. Na época, eu tinha uma veterana, da

---

<sup>5</sup> Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

<sup>6</sup> Alexandre Carneiro.



categoria 60 [quilos], e eu era da categoria 51 [quilos], que era a aluna do presidente da Federação. Ela já tinha, digamos assim, chegado ao auge e já estava meio que com intenção de se aposentar.

I.B. – Tu se lembra do nome dela?

C.B. – Com a Megg<sup>7</sup>.

I.B. – A Megg.

C.B. – E hoje ela ainda disputa, mas ela não tem mais aquele entusiasmo, até porque ela já está quase se aposentando, desde a época em que eu entrei, desde 2012. Ela vai lá, disputa, acaba ganhando algumas lutas, pela experiência que ela tem acaba ganhando das meninas. Mas quando algum oponente exige um pouco mais dela, ela acaba perdendo, porque não tem mais aquela disciplina que ela tinha no início, aquele condicionamento físico. O condicionamento físico é vinculado a um treinamento seis vezes por semana e nem toda fase da tua vida tu está disposta a fazer isso. Pelo que eu ouvi falar, ela foi uma das melhores no Brasil, no peso dela, mas hoje ela faz mais por amor mesmo. E na minha categoria não tinha nenhuma mulher, pelo menos que viesse aos campeonatos estaduais em Canoas. Se tinha, provavelmente, era no interior em alguma associação sem vínculo. Como eu comecei a me inscrever para lutar, apareceu uma menina de um projeto social, mas era tão verde quanto eu, e eu tive certa vantagem com isso, porque aí zero lutas, zero lutas. Eu tive essa chance, tanto que na primeira luta eu ganhei, eu tive essa sorte do destino em pegar uma novata igual a mim.

I.B. – Tu lembra em que ano foi a tua primeira competição?

C.B. – Foi em 2012.

I.B. – Em 2012?

C.B. – Isso.

I.B. – E tu começou a treinar fazia quanto tempo?

C.B. – Fazia uns dez meses. Eu queria competir com sete meses, mas eu me inscrevi e não teve luta. Com oito meses eu baixei de peso, pesei, fui lá, fiz tranças, gastei com inscrição e mais coisas, cheguei lá e não teve luta. O meu treinador começou a divulgar através dos meios que tinha na época, que tinha uma [categoria] 51 [quilos] louca para lutar. E daí surgiu essa menina, ela reside em Porto Alegre, mas ela treinava, se não me falha a memória, em Viamão ou Alvorada. O professor que dava aula para uma meninada em projetos sociais.

I.B. – Tu lembra o nome dela?

C.B. – Sim. O professor dela é o José Lima<sup>8</sup> e ela é... Eu lutei muitas e muitas vezes com ela, agora eu não sei se é Daniela ou Daniele, é Dani Cattani<sup>9</sup>.

I.B. – Mas assim é fácil de localizar.

C.B. – Ela não é minha amiga no Facebook. Hoje ela já não compete mais, eu não sei os motivos dela.

I.B. – Nas outras categorias, eram poucas as lutas?

C.B. – Eram poucas as lutas, raras lutas. A gente está lutando para ter uma por peso para ir para o Brasileiro<sup>10</sup>, conseguir uma bolsa para comprar uns suplementos, para pagar passagem para viajar e competir. Entendeu? É ajuda de custo mesmo. Como aqui no estado a gente tem esse vazio, a gente tem muito dinheiro no Grêmio e no Inter, que é o futebol. Talvez no vôlei que eu desconheço, não sei te dizer. Alguma coisa no judô, agora em torno desse parlamentar que eu te falei, que ele trouxe recursos para o judô. Mas de boxe não tem nada, não tem bolsa estadual. As meninas que eu luto, as paulistas, principalmente,

---

<sup>7</sup> Megg Tavares.

<sup>8</sup> José Valter Corrêa de Lima.

<sup>9</sup> Daniela Cattani.

<sup>10</sup> Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

que são as primeiras do *ranking* brasileiro, elas tem bolsa, elas têm bolsa municipal e bolsa estadual. E daí elas vão lá e dão um “pau” em todo mundo, aí elas tem bolsa federal. Bem ou mal são três bolsas, somando acho que dá uma faixa de três mil reais. Aí a pessoa não precisa fazer três jornadas: trabalhar oito horas, estudar quatro horas e treinar uma hora e meia, duas, contando o deslocamento. Fica um negócio meio desleal para os gaúchos. Isso no caso dos meninos também. A gente vai disputar o Brasileiro e fez uma luta, enquanto as outras meninas fizeram treze lutas, antes do Brasileiro. Como tem mais recursos, elas conseguem viajar para capital ou interior, todo o estado, em busca de lutas para pegar experiência. E esse é um quadro que eu pretendo ajudar a construir. Eu acho que não falta habilidade nos gaúchos, falta estrutura. E por identificar essa falta de estrutura, quando eu larguei meu trabalho administrativo, uma carteira assinada e pensei em um centro de treinamento, era o começo dessa... Estou te contando um projeto de futuro meu. Agora teve o Brasileiro em março, nós fomos em três pesos: 51 [quilos] que é o meu, 60 [quilos] e 64 [quilos]. Então, faltaram muitos pesos, faltou 48 [quilos], faltou 54 [quilos], faltou 57 [quilos], 67 [quilos], 75 [quilos], faltaram seis pesos, sete.

I.B. – Que a Federação poderia estar levando...

C.B. – Que a Federação e o estado poderiam ter levando e ganhado medalhas. E nós teríamos argumentos para conseguir, de repente, uma bolsa estadual. Mas daí leva três, não tem como concorrer com São Paulo que levou todas as categorias. É uma matemática.

I.B. – Com certeza. Queria que tu falasse um pouco da tua trajetória como atleta, os campeonatos em que tu participou, tuas conquistas e se atualmente tu continua competindo.

C.B. – Bem, o que aconteceu é que eu fiquei um pouco desmotivada. É bom registrar isso que eu fiquei um pouco desmotivada no início, eu me inscrevi em mais de três campeonatos e não tinha luta. Como eu disse, eu tive gastos com passagens, com vestimenta e tudo mais. Tudo do meu bolso, porque infelizmente o técnico nunca teve dinheiro público ou dele sobrando para investir em mim. Ele tinha o motivacional: “Vamos lá! Vamos lá!” Mas dinheiro infelizmente não tinha. E daí a pessoa se dispõe três vezes de tempo, de baixar peso, de intensificar treino, de suplementos, de remédios para dor e chega

lá na competição e não tem ninguém para lutar. Isso é muito frustrante, tanto que eu cheguei para ele e disse: “Cara, eu não tenho essa paciência”. Eu já treino boxe, porque eu não tenho paciência. [risos] Eu treino boxe, porque eu precisava me acalmar, tu não está entendendo. [risos] Tu não, o senhor, existe sempre essa questão de hierarquia no boxe. Hoje em dia a gente é amigo pessoal, já é um trato diferente. E daí ele me segurou pelo viés do kickboxing. Ele disse: “Não. Eu consegui um negócio para ti, nós vamos fazer uma graduação, já que tu treina boxe, muay thai, kickboxing...” Na época, lá de 2012, 2011 ele me disse: “Eu vou te graduar. Aguenta que eu vou te graduar.” Foi aí que ele pegou, combinou comigo, me colocou dentro do carro e a gente foi em Caxias fazer uma graduação de kickboxing. Era uma avaliação técnica dos meus chutes e socos na modalidade e ele me segurou por aí, porque eu ganhei uma faixa e eu era muito feliz. Na verdade é um negócio simbólico, pois tu treina, treina, treina... E o meu objetivo nunca foi escultural, nunca fui um corpo. Primeiro era tirar o estresse, depois era outra coisa: era medalha, era certificado. Eu ganhei um certificado e uma faixa. E eu pensei: “Ah! Aqui está o resultado do meu trabalho.”. Eu já comecei a encarar diferente, eu ia três vezes por semana quando eu era fitness e eu comecei a ir todos os dias. Aí quando eu ganhei aquela faixa, eu era muito feliz, porque eu pensei: “Aqui está simbolizado o meu trabalho”. De segunda a sábado, era trabalho, por mais que eu não fosse remunerada para isso, tu já até encarando com outros olhos. E ele me segurou pela faixa. Aí na quarta vez que eu me inscrevi, surgiu essa menina no Campeonato Estadual<sup>11</sup> de 2012. Se eu bem me recordo, eu ganhei no quarto round e são quatro rounds, sabe? Eu ganhei no quarto round, por nocaute técnico, a terceira contagem do árbitro. Quando a pessoa acusa o golpe, o árbitro termina, no caso a pessoa não apagou, mas ela teve um nocaute técnico. Foi essa aqui a minha primeira luta, [a entrevistada mostra seu troféu de campeã] em 6 de Maio de 2012. Na primeira luta, eu caí na fogueira de um estadual, porque eu me inscrevi nos “opens” em janeiro, fevereiro, março, abril e não tinha luta. Daí eu me inscrevi no estadual, por ser o estadual, surge gente até debaixo da terra, sempre há uma divulgação maior e surgem mais atletas para competir. E depois dessa luta, eu fiquei um pouco de “salto alto”, depois eu lutei com a mesma menina e perdi por pontos no quarto round. Eu perdi e fiquei muito triste, mas continuei... Aí que eu levei o boxe a sério, eu disse: “Não, não é força, o boxe é inteligência eu subi um pouco soberba e perdi, bem feito para mim, perdi merecidamente”. Pensei eu. Comecei a treinar sério depois da minha derrota para a mesma menina. Agora

---

<sup>11</sup> Campeonato Estadual de Boxe Olímpico.

essa expressão de “salto alto” do futebol, eu entrei de “salto alto”. Pensei: “Já ganhei. Ganhei de novo. Ganhei por nocaute, tá louco! Vou ganhar da menina com uma mão”. E a autoconfiança demasiada em qualquer esporte, ela é o teu pior inimigo, quando tu tem certeza que vai fazer o pênalti, tu chuta para fora. Na verdade, o boxe tem essa coisa que trabalha conosco o autocontrole e a motivação, porque tu tem que confiar que tu é bom, que tu é forte, que tu é veloz, mas não de forma demasiada. Tem que ser de forma moderada, de forma equilibrada. Tu não pode subir na humilde também: “Ah, eu estou aqui para competir. Ah, tudo bem”. Não, por que daí é tu quem vai ser nocauteado. Tem que ter uma autoestima moderada, isso faz parte da metodologia da federação, que ensina o autocontrole. E depois, teve várias outras competições, teve competição de kickboxing, teve várias inscrições no muay thai, mas eu nunca consegui uma luta de muay thai. E depois, em 2013, por volta de 2013, a Confederação Brasileira de Boxe, colocou uma normativa, uma cláusula, que o competidor de boxe não poderia lutar outra modalidade, mesmo que amadora. Amadora é toda e qualquer luta que não envolve dinheiro.

I.B. – Sim.

C.B. – Se a Carine ganha, recebe mil reais, se a Carine perde, ela ganha quinhentos reais. Não, em uma bolsa pré-aprovada, não existe um contrato. Eu luto por medalhas, não tenho salário, não tenho bolsa. Exceto no campeonato Brasileiro, se tu for ouro, prata ou bronze, tu ganha uma bolsa auxílio do Ministério do Esporte, mas mesmo assim não é um... Não sei se tu consegue ver a diferença, não é profissional, ainda assim é amador.

I.B. – Sim, sim.

C.B. – Depois que eu ganhei o Campeonato Estadual de Kickboxing e ganhei o Campeonato Brasileiro de Kickboxing, que é aquela medalha ali [aponta para medalha]. É uma das minhas preferidas, porque ela é muito bonita e muito significativa. Eu fiz essa luta com um braço machucado. Eu tive uma lesão, eu treinei muito forte e tirei a tala de gesso, por que Brasileiro é só uma vez por ano. E eu não ia participar do estadual, treinar e perder o kickboxing, que são quatro membros, as mãos e o chute, por causa de uma mão machucada. Eu tirei a tala e tomei um remédio fortíssimo para dor, que na época não existia doping. Um remédio que o fisioterapeuta dava para os jogadores de futebol do

grêmio na época. Fisioterapeuta muito bom. E tomei aquele remédio ali, quebrei o gesso e bora lá. Eu não ia aguentar muito a dor, mas eu fui com *muita* gana. Eu ganhei a primeira luta por nocaute, arrebentei o nariz da menina com um direto, justamente com a mão machucada.

I.B. – Tinha que acabar rápido.

C.B. – Tinha que acabar rápido, por que eu não ia durar. O remédio tem vida útil, daqui a pouco dou um movimento em falso e me dá um “piripaque”. E daí eu não consigo ficar com a guarda, porque a minha lesão é no cotovelo, a posição da guarda. Aquela medalha para mim é muito significativa. Depois eu ganhei o Pan-Americano de kickboxing, uma medalha muito bonita. E logo após o Pan-Americano, eu automaticamente fui inscrita no Mundial, e em seguida entrou a normativa do boxe. E eu tive que escolher entre muay thai, kickboxing ou boxe e por algum motivo eu escolhi o boxe. No kickboxing eu era campeã brasileira, teoricamente a melhor do meu peso e ia para o mundial. E no boxe até hoje eu não tive essa alternativa, mas por algum motivo na época, eu e meu treinador escolhemos o boxe, talvez por causa da bolsa Federal. O kickboxing também tem bolsa, como atividade não olímpica, só que o kickboxing precisa ter três rankings nacionais. Por algum motivo a gente escolheu o boxe e até hoje eu não me arrependo dessa decisão.

I.B. – No Brasileiro que tu conseguiu a bolsa atleta?

C.B. – Isso. Em 2012 eu fui para Estadual e fui para o Brasileiro com duas lutas. Peguei uma menina com mais de cinquenta lutas, ganhei dela, por pontos. Suado, suado, pau a pau. Eu me classifiquei das quartas de finais para a semifinal e nas semifinais eu tomei um pau, não sentia a mão da menina, mas na época, eram pontos corridos e deu mais de dez pontos de diferença. Já dá para dizer, vulgarmente, que eu levei várias mãos [risos]. Mas como eu ganhei da primeira e já era a semifinal, eu ganhei bronze. Meu primeiro Brasileiro, eu fui a zebra do Brasileiro. A menina gaúcha... O boxe gaúcho não é muito respeitado por falta tradição, por falta de estrutura, a gente chega lá ainda sem uniforme... Todas as bancadas chegam lá como se fosse uma Olimpíada: de uniforme, com a equipe

completa e a gente chega com a equipe desfalcada ainda. A Confederação<sup>12</sup> ainda não nos respeita como tal, eles nos engolem, mas eles não nos respeitam como respeitam a bancada da Bahia, a bancada de São Paulo. É um trabalho que precisa ser feito. Em 2012, eu fui a zebra do Campeonato Brasileiro, eu ganhei da menina que tinha mais lutas que eu, do Distrito Federal. E perdi para uma vizinha, perdi para uma menina de Santa Catarina, porque ela foi inteligente. Ela não quis trocar comigo, ela batia e saía, batia e saía e estou até hoje procurando a menina para dar a mão nela e não achei. Ela tinha um trabalho de pernas, que a gente chama de deslocamento no boxe, muito bom, ela batia e saía, batia e saía. Eu, naquela gana, por falta de experiência, na minha quarta luta, eu não consegui boxear ela, não conseguia trocar com ela. Ela foi inteligente e ganhou merecidamente de mim. Em 2013, eu fui novamente para o Brasileiro, no mesmo quadro, ganhei a primeira e perdi a segunda, ganhei o bronze de novo, a segunda bolsa atleta. Em 2014, fui de novo para o Brasileiro, perdi na primeira luta, já sofrendo essas consequências de lesões, falta de treino, acúmulo de trabalho na faculdade, eu não merecia ter ganhado. E agora, em 2015, eu estou retomando, por que eu cheguei em meados de 2014 e pensei: “Ou eu treino de verdade, ou eu treino a nível Brasileiro...” Por que teoricamente a nível gaúcho eu fui campeã quatro vezes, com meninas diferentes, sou pentacampeã, mas o meu objetivo é nacional. Em 2014, quando eu perdi a bolsa, que é um valor que me ajuda, e perdi... Um atleta ele sempre quer aumentar seu rendimento, não entra na minha cabeça, que eu sou exigente comigo mesma, ganhei em 2012, ganhei em 2013. Pô! O meu objetivo em 2014 era um prata ou um ouro, não um nada, não um quinto lugar, era o pódio. Não queria nem repetir a figurinha, muito menos sair do ranking. E eu fiquei muito frustrada. Com isso, foi o marco, eu não posso mais competir com pessoas que só treinam enquanto eu fico no administrativo, fazer faculdade e brincar de treinar, a intensidade do treino delas é outro. É planejado, com reforço muscular, com vitaminas, com análise do corpo de qual vitamina tu precisa. Em 2014, ou eu ia virar só técnica e eu ia me aposentar, porque do boxe eu não me desgrudo tão cedo, é amor mesmo. Já passou da época da paixão, já se passaram cinco anos. Ou eu moldo o meu treino e eu estou nesse processo... Eu fui em 2015, agora, com dois meses de treino e eu perdi, também não fiquei no pódio. E para 2016 eu estou nesse processo de voltar ao que eu era no início, mas agora eu já pego meninas muito experientes e sei lá, meu objetivo é conseguir o ouro do Brasileiro. [risos]

---

<sup>12</sup> Confederação Brasileira de Boxe.

I.B. – Com certeza!

C.B. – Eu ainda estou em plena atividade, tentando retomar meu alto rendimento do início de carreira, vamos dizer assim.

I.B. – Tu conseguiu viver economicamente, exclusivamente, do boxe em algum momento?

C.B. – Não, nunca. No início, como eu te falei, eu tinha dois trabalhos e o boxe. Depois eu larguei um dos trabalhos por que queria voltar a estudar, eu sinto essa necessidade de estar estudando, questão pessoal minha e em virtude do boxe. Depois quando começou a entrar a bolsa atleta deu uma aliviada. Por conta de eu morar sozinha e não ter auxílio de patrocínio, nem auxílio técnico ou de família, esse valor de R\$ 925,00 não é suficiente, nunca foi. Talvez para alguém seja, para mim, nunca foi. Foi uma grande ajuda, eu consegui largar um dos trabalhos, intensificar meus treinos e aumentou meus resultados, mas nunca vivi exclusivamente do boxe. Hoje eu tenho o Centro de Treinamento e ele está há quatro meses com as portas abertas, ainda não está se pagando, porque a concorrência é forte. Eu tenho o centro de treinamento, ainda faço trabalhos que eu chamo de *free* para ter um dinheiro imediato. E eu não tenho mais a bolsa, porque eu perdi. Mas em nenhum momento eu vivi só do boxe. É o meu objetivo para os alunos, por que hoje em dia, com a cabeça que eu tenho, talvez eu não me satisfizesse apenas com o boxe. Mas eu acho que essa meninada de quatorze, quinze anos, que é o meu projeto pessoal, eu gostaria muito que eles pudessem ter uma bolsa estadual, uma bolsa federal e pudessem viver do boxe. Dessa forma, nós conseguiríamos lutar de igual para igual com qualquer outro estado. E poderíamos dizer que o boxe gaúcho é bom ou é ruim, porque estaria em parâmetros de igualdade, eu ainda quero ver isso no estado.

I.B. – Em relação ao boxe feminino no estado do Rio Grande do Sul, existem patrocinadores, ou incentivos governamentais?

C.B. – Como eu falei, eu não tenho conhecimento das pugilistas do interior, até onde eu ouvi falar... Uma delas até lutou comigo há pouco tempo, uma menina de Erechim<sup>13</sup>. Falo mais a nível de capital, não tenho conhecimento de nenhum tipo de auxílio, nem de



suplementos, muito menos de verbas para pagamento de passagens que são valores caros. A maioria dos Brasileiros foi na zona do Mato Grosso do Sul, em 2012, 2013, a passagem deu mais de mil reais, para mim isso é um valor caro. Agora demos a sorte de ser em Santa Catarina, gastamos em torno de duzentos, trezentos reais, porque é ali do lado, deu para ir de ônibus. Mas é complicado, o quadro hoje não é muito favorável para o boxe feminino. Como eu falei, eu acho que falta um pouco de pioneirismo, eu não sei até que ponto as empresas privadas não ajudam, não estão interessadas no boxe. E não sei até que ponto não houve procura dessas empresas. Se algum atleta que se disponibilizou a bater na porta e tomar um “não”. Eu, na época de 2012, tentei e levei vários “nãos”. Mas eu acho que hoje, com um currículo melhorado, se eu estivesse apta a fazer isso de novo, talvez eu conseguisse alguma coisa. Mas eu ainda acho que a alternativa é a gente usar recurso público, porque existe uma lei de isenção fiscal do governo federal, e existe incentivo, existe um recurso pré-destinado ao esporte. Daqui a pouco tem só para o esporte “A” ou “B,” porque o boxe nunca se propôs a pedir, como aquele ditado: “Quem não chora, não mama”.

I.B. – Tu percebeu alguma mudança no teu corpo atribuída ao boxe?

C.B. – Muita diferença. Eu, infelizmente, quando procurei a musculação, não consegui, com essa minha falta de paciência... O meu objetivo era pesar sessenta quilos, mas sessenta de puro osso, porque eu queria isso para mim. Depois eu larguei de mão, eu não tenho paciência para fazer musculação, hoje eu faço reforço muscular todo voltado para o boxe, para resistência do boxe, até por causa das minhas lesões. O fisioterapeuta me mandou fazer, então eu não tenho muita escolha, para eu não me aposentar, eu não tenho escolha. E a diferença no corpo é muita, oito ou oitenta. Eu não tive diferença no meu peso, porque eu pesava cinquenta e quatro quilos, hoje peso cinquenta e quatro, cinquenta e um. Transformar gordura em massa magra é notório, só olhar no espelho que tu sente que tua postura muda... Muita diferença. Benefício e saúde também, hoje eu faço três, quatro atividades e não tenho mais aquela fadiga, aquela exaustão. Antes do boxe já era quarta-feira e eu já estava pelas tabelas, hoje eu olho e “opa! Já é sexta, amanhã é meio expediente”. Comprovadamente os resultados.

---

<sup>13</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

I.B. – E como que tu, teus amigos e familiares encararam essas mudanças? Positivamente...?

C.B. – Vamos dizer que a família no geral achou tri, achou bacana: “Bah! Que massa nega, tu está com o corpo mais legal.” Mas os meninos, que são os meus manos mais velhos, eles não acharam muito legal: “Tem que cuidar para não ficar muito musculosa, vai ficar com corpo de homem.” Mas a maioria das opiniões foram positivas: “Tu está mais definida, mais forte, com o semblante mais saudável, mais dinâmica, mais tranquila”. Os comentários foram bem positivos.

I.B. – E tu chegou a ficar com algumas marcas, ferimentos de lutas, que preocuparam as pessoas a tua volta?

C.B. – Muitos. Muitos ferimentos de treinos, porque no treino a gente não tem peso, não divide categorias. O ideal no treino era treinar uma menina com uma menina, do peso que se luta, o meu é cinquenta e um. Nunca foi a realidade da minha academia. Uma por falta de mulheres que queriam competir e outra porque existem muitas academias em Porto Alegre, então é difícil, em uma mesma academia, tu achar a categoria certa. Como a pessoa quer competir, no caso o que eu me propus, eu aceitava com qualquer um; se tivesse um menino de noventa quilos, medindo 1,70 [centímetros], era aquilo ali, era um sparring daquilo ali. E a força física de gênero ela é comprovadamente maior e de peso é física, não é? Cinquenta quilos te dando na cara é uma coisa, oitenta quilos te dando na cara é trinta quilos de diferença. Eu tive muitos roxos de treinos, lutas... Mas graças a Deus, até hoje, das minhas quinze lutas, dezesseis, por volta disso, nunca me machuquei.

I.B. – Tu vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

C.B. – Hoje em dia, em 2015, não existe mais aquela resistência, que havia em 2010, já é mais comum. Como eu falei, em 2010 não tinha boxe nas Olimpíadas, o feminino, tinha boxe masculino nas Olimpíadas. E agora nós temos atletas que se destacam a nível nacional, por exemplo, a Adriana Araújo. Ela em 2012, nas Olimpíadas de Londres, ela trouxe medalha. Na primeira chance que a mulher teve para aparecer, ela marcou presença, a brasileira marcou presença. É um bronze? É um bronze, mas ela teve que ganhar lutas até

chegar ao bronze, da mesma forma que eu tive que ganhar no meu Brasileiro, nas experiências que eu te contei. Hoje existe uma apelação muito grande em torno do UFC, que é o MMA<sup>14</sup>, artes marciais mistas, que acaba incluindo algumas séries do boxe, não é a mesma coisa, mas bem ou mal dissemina o esporte. Tanto o esporte como as lutas, que não são brigas, as pessoas estão começando a entender isso, que quem luta não briga. Parece um jargão, mas é verdade, porque a primeira coisa que um professor sério explica, é que quando ele brigar na rua, ele não vai mais treinar. E eu quando fiz a graduação, lá no início de kiboxing, eu tinha um número de registro como se fosse o meu RG<sup>15</sup>, meu professor foi bem claro: “Eu sei que não é o teu tipo, mas se eu souber de alguma briga na rua, fora dos tatames ou dos ringues, o teu registro está cassado.” Hoje em dia o boxe feminino é aceito, ele não tem recursos, ele não tem incentivo, mas ele já passou de nível, ele é aceito. A gente tem a Cris Cyborg<sup>16</sup> no MMA, se eu não me engano veio do boxe inclusive. A gente tem figuras que já fizeram este pioneirismo do boxe feminino brasileiro, talvez em nível de estado ainda não. Mas hoje é mais aceito e o treinamento é praticamente igual. Aqui, eu sempre pergunto: “Quer emagrecer? Quer definir o teu corpo?” Eu não sei nas outras academias, mas eu trato... Eu até brinco: “No tatame não tem gênero.” Eu vou trabalhar contigo conforme o que tu quer, se tu quer só te graduar é um treino, se tu quer só perder peso é outro treino. É mais suave, mais físico e menos técnico. Se quiser competir é o mesmo treino dos meninos: “Vai!”.

I.B. – Na forma de lutar tu vê alguma diferença entre homens e mulheres?

C.B. – Olha, agora eu vou puxar para o meu assado. Embora fisicamente nós tenhamos a comprovação que os meninos são mais fortes, pela estrutura óssea masculina e os músculos são muito mais rápidos. Por exemplo, um menino [da categoria] 51 [quilos], biologicamente falando, ele é mais forte do que eu, pelo simples fato de ele ser menino. Os músculos dele, a fibra muscular dele é diferente da minha, a minha é mais frágil, falando em biologia. Eu vou falar pelo que eu vejo, a nível Brasileiro, que tem pessoas de todos os estados, os meninos tem muito mais nocaute. O que significa isso? “Tomei uma mão, joguei a toalha. Tomei uma mão, fiz uma cara morrendo de dor e o árbitro encerrou a luta por nocaute técnico.” A mulherada tanto da [categoria] 51 [quilos] como da [categoria]

---

<sup>14</sup> Mixed Martial Arts.

<sup>15</sup> Registro Geral.

mais 81 [quilos], que é peso livre... Mais de 81 [quilos] tu pode pegar uma menina de 120 quilos, 110. Inclusive tem uma amiga minha que sempre pega a mais pesada e ela geralmente ganha, toma mão e mão, no nariz, na têmpora e no queixo e as meninas não caem. É uma coisa de personalidade, nós podemos ser, teoricamente, mais frágeis, mas é uma coisa de personalidade. A mulher que entra no boxe, geralmente, ela tem uma personalidade muito forte e ela toma mão, o árbitro abre contagem de dez segundos e a menina volta e devolve mão, é “paulera”. Eu vejo uma diferença no jogo dos meninos, o dos meninos também é “paulera” e também tem estratégia... Cada um tem o seu perfil, eu sou mais “paulera”, tem outra menina que é mais estratégica, bate saí, dá uma deslocada, dá uma deslocada. Mas tirando o perfil de cada lutador, colocando no patamar de gênero, os meus olhos veem as lutas femininas muito mais agressivas e com maior resistência, pela simples teimosia da mulher: “Pera aí, eu tomei um monte de mão, o juiz me abriu contagem, agora é minha vez e vai.” Eu acho bacana isso, são poucas, mas são feras. São osso duro de doer, como eu digo.

I.B. – Durante muitos anos o boxe foi praticado exclusivamente por homens, como tu se sentiu como mulher ocupando esse espaço?

C.B. – Eu me senti invadindo o espaço, eu me senti... No início, como meu objetivo era só dar uma acalmada, eu me senti indiferente, não me importava com isso. E depois me senti incomodada com esse tratamento diferenciado, pelo simples fato de eu não ser menino, ser uma mulher. E depois me senti invadindo o espaço deles, porque era muito claro que eles se sentiam incomodados em fazer sparring com meninas. “Não, eu não vou bater em mulher.” O professor dizia: “No tatame não tem gênero. Vai que tu vai tomar uma mão.” E aí eu ter que dar uma ou duas mãos na maldade, com força, para eles verem que eles iam ter que responder, se não, eles iam apanhar. E aí entrava em uma outra contradição: “Eu não posso apanhar de uma mulher.” Muitas vezes que eu me machuquei em treinos foi porque fugiu da parte técnica e foi para área pessoal. “Eu não posso bater em uma mulher, mas também não posso apanhar de uma mulher, meus amigos estão vendo.” E aos poucos eu comecei a lidar melhor com essa situação, eu estou aqui para treinar, para fazer uma simulação de luta e o preconceito, a limitação deles, é problema deles. Eu vou fazer o meu trabalho sério, vou fazer o meu melhor.

---

<sup>16</sup> Cristiane Justino Venâncio.

I.B. – Como tu interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe apenas recentemente, nas Olimpíadas de 2012. Eu tenho analisado que em outras lutas, como o judô, os primeiros campeonatos já ocorrem na década de 1980.

C.B. – Eu tenho resposta para isso, não que seja o fato, mas a minha visão quanto a essa tua pergunta. É bem simples, o judô embora seja uma arte marcial, com disciplina, traz resultados para o corpo e para a mente, ela não tem contato físico. “Como assim Carine, as meninas caem no chão e é violento.” Não, tudo bem, mas eles usam o quimono e você faz uma pegada no quimono e derruba com uma questão técnica, derruba com a força do quadril, com a força do braço... Tem contato físico, mas uma coisa é uma queda no chão, que é o chão do tatame, igual gente tem aqui, amortecido. Não estou dizendo que é fácil, longe disso, mas o contato do boxe é muito pior, no sentido de lesões, no sentido psicológico mesmo. Uma coisa é tu cair no chão, outra coisa é tu tomar um soco no meio do teu nariz. É muito mais agressivo, dos esportes é um dos mais agressivos. Entre judô e karatê, é muito mais agressivo. Eu acho que é uma questão cultural brasileira, em relação ao que eu falei no início, que ainda temos o machismo. Como a mulher é considerada frágil, a inserção da mulher no boxe foi o último, foi a última barreira a ser quebrada. “No vôlei tudo bem, tem uma rede no meio. No futebol tudo bem, vai ser só mulherada mesmo, se derem chutes nas canelas tudo bem. Hoje provamos o contrário, as meninas estão em Pan-Americano, são umas das melhores do mundo no futebol feminino, tanto no adulto como no juvenil. Ninguém fala nada, o pessoal continua dando ênfase ao futebol masculino, que o pessoal está para lá de Bagdá, está tomando pau, está perdendo de times inexpressivos. Na verdade, o boxe feminino foi o último rompimento: “No vôlei tudo bem, no basquete tudo bem, no judô tudo bem, mas o boxe é muito violento para mulher. Não dá, como a mulher vaidosa, que se maquia, faz uma escova, passa um gel, como ela vai ficar tomando soco na cara?” Isso foi um marco não só no boxe, isso foi um marco cultural, as mulheres terem entrado no boxe. Por isso foi o último, porque é o esporte mais contundente, até porque o rosto é algo meio ofensivo. Tu quer ofender alguém tu dá um tapa na cara, tu imagina um soco na cara, tem uma questão psíquica envolvida. Eu caí no chão, mas agora é minha vez, vou te derrubar. Claro, existe técnica, existe preparo físico, não estou criticando, só estou fazendo uma comparação entre os esportes.

I.B. – Uma boa teoria. Tu chegou a conhecer histórias de atletas que ingressaram no boxe antes de ti?

C.B. – Como eu te falei antes, eu não sou daqui, eu sou natural de Passo Fundo<sup>17</sup>. E em Passo Fundo, para não dizer que não tem nada além de futebol, existe uma tendência muito forte no karatê e no kiboxing. Lá não tinha boxe, eu conheci o boxe em Porto Alegre, eu não cheguei a conhecer meninas com uma longa trajetória no esporte. Eu fiz curso de técnica com a federação 2013, mas aí o resgate histórico era histórico mesmo, da onde veio o boxe, quando ele deixou de ser uma luta de rua e virou esporte. Em relação ao histórico estadual ninguém me contou e eu também não tive muito... Até interesse eu tenho, eu não tive essa disponibilidade de buscar.

I.B. – Vamos ver se eu consigo escrever essa história.

C.B. – Aí tu me conta.

I.B. – Eu queria que tu falasse um pouco sobre os teus projetos atuais? Paralelamente a tua atuação como atleta tu vem desenvolvendo outros projetos?

C.B. – Como atleta eu até já te respondi, mas vou deixar mais objetivo. Como atleta, eu era a terceira do ranking, hoje eu sou sexta ou sétima do ranking. Eu fui a terceira do *ranking* em 2012 e 2013, em 2014 eu fui para quarta do *ranking*. Hoje em 2015, como tem o ingresso dessas meninas, inclusive dois quarto lugares, por empate de pontos. Cada luta oficial vale um ponto, dessa forma que é feito o *ranking*. Eu devo estar em sexto lugar, o meu objetivo é muito claro, muito preciso, eu quero voltar para o terceiro lugar o mais rápido possível e superar o meu auge, que foi em 2013. Voltar ao *ranking*, voltar a ser bronze, conhecer o ouro a nível nacional, esse é o meu objetivo como atleta. Estou com algumas lesões, já estou em tratamento, eu estou fazendo reforço muscular. Eu estou fazendo tudo que foi dito para ser feito, tudo que está ao meu alcance para conseguir meu objetivo como atleta. Eu quero ser uma das melhores do Brasil, eu não estou satisfeita com o meu posto de campeã estadual, é honroso, mas eu quero mais. Em relação ao boxe, eu tenho essas ideias de atuar como técnica, agora com o Centro de Treinamento... O Centro

de Treinamento é um centro de treinamento, não é um centro de lutas. Existem muitas pessoas que vem aqui buscar um acompanhamento para saúde, perda de peso, preparo físico e elas são muito bem vindas, é o foco do meu Centro de Treinamento. Mas entre essas multidões, porque espero que sejam multidões daqui um tempo, com certeza vão se destacar pessoas. É muito difícil alguém ingressar no boxe dizendo que vai ser campeão, que vai ser lutador, isso é uma descoberta. Como se fosse um namoro, a pessoa vai conhecendo o boxe, o boxe vai conhecendo a pessoa... E esses atletas vão surgir, eu tenho crença que eles vão surgir e vão ser direcionados para um treino específico. Eu vou utilizar minha bagagem de técnica e vou tentar não cometer os mesmo erros que foram cometidos comigo, que eu cometa outros, não os mesmos. E em conjunto com o CT Borba, tem um projeto paralelo, até 2016 vai ser desenvolvido, que é um projeto social. Aí nós estamos falando de outra demanda, que é a demanda de recurso público. Tem que ser uma coisa muito bem pensada, com muita calma, porque exige prestação de contas. Como a gente não tem o histórico de usar dinheiro público para o boxe, ela tem que ser feita com muita integridade, com muita responsabilidade. Eu não posso ter pressa, eu estou procurando apoio de parlamentares, acredito que eles vão conseguir dar conta de trazer esse recurso para esse projeto social. E fazer com que com esse recurso nós possamos ter o boxe feminino estadual, com todas as categorias, não só três como foi esse ano de 2015, que sejam as oito categorias completas. Esse é o foco, o boxe feminino no estado, com estrutura e também os cadetes, porque eu gosto muito de trabalhar com a molecada. E ainda temos uma deficiência, o feminino não tem competições a nível juvenil, só adulto. Como não existe campeonato juvenil a nível estadual, a confederação também não faz no Brasileiro. Se eu pegar uma menina de 16 ou 17 anos, eu tenho que deixar ela bem ciente que se o sonho dela é competir, ela vai competir apenas com 18 anos. Como eu gosto de molecada, porque eles têm mais tempo disponível, eles são mais aptos a moldagem, a disciplina, aí eu vou abranger esse público masculino também. Esses três projetos, como atleta, como centro de treinamento, sendo um centro de artes marciais, pois existem outras modalidades... Eu sou preocupada em relação a integridade física da pessoa, os menores de idade, porque eu tenho menores aqui que o pai me trouxe na minha mão. “Eu estou com um problema de disciplina com esse menino, ele brigou na escola.” As pessoas já estão vendo o boxe como uma ajuda para resolver esses problemas, eu fico feliz porque quando eu entrei o boxe era briga. E hoje os pais estão confiando na minha mão meninos e

---

<sup>17</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.



meninas menores de idade para que eu possa dar um apoio na formação social deste indivíduo e essa é uma tarefa muito importante e é uma responsabilidade. São esses três projetos na gaveta, todos eles o mais rápido possível. [risos] Conforme os fatores externos permitirem.

I.B. – Comente a tua contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

C.B. – Como eu falei, já existiam outras meninas, eu não me coloco como pioneira em relação ao boxe olímpico. Mas eu acredito que eu contribuí muito em 2012, 2013. E ainda venho contribuindo no sentido de romper barreiras, principalmente internamente nas academias. Por que essa menina que já tinha uma história antes de mim, dos 60 quilos, ela já treinava em um clube de boxe, em uma associação de boxe, junto com o presidente da federação. Eu não sei te dizer por ela, mas eu acredito que ela não enfrentou tantas barreiras, porque eu entrei em uma academia de musculação. E o presidente, como eu conheço ele, ele já é uma pessoa mais esclarecida. Eu acho que ela não teve tanta resistência para treinar boxe feminino. Eu acho que nesse sentido eu vim a contribuir, mostrar que a mulher tem condições, ela pode e deve ser bem vinda a qualquer associação, academia ou centro de treinamento, de igual forma que o gênero masculino. Acho que isso contribuiu com a minha trajetória, provei que lugar de mulher é também no tatame, é também no ringue. Nós temos condições de competir, de estudar, de trabalhar, de namorar como qualquer outra pessoa, nós somos aptas tanto quanto. Eu acho que nesse sentido eu contribuí bastante e fico bem feliz. Tanto que naquela ocasião, em 2014, que eu pensei em me aposentar por ter diminuído meu rendimento, por ter passado por essa frustração de sair do ranking, de ter lesões... Algumas não têm mais cura, é dor crônica, ela fica um mês, ela saí seis meses, daqui a pouco ela volta. É uma dorzinha que, como eu não vou abandonar o boxe, eu estou aprendendo a conviver com ela. Eu acho que mesmo se eu tivesse decidido sair do boxe, eu acho que eu já teria cumprido meu papel, porque lá em 2012, quando eu me indignei: “Não, como assim, eu quero ir para o outro lado do tatame.” Eu acho que isso tomou uma proporção, saiu da academia e tomou uma proporção estadual. No momento em que eu fui para o Brasileiro e consegui uma medalha, no momento em que tinha no jornal: “A única pugilista gaúcha que trouxe medalha é uma mulher.” Acho que naquele momento eu já contribuí.



I.B. – Eu gostaria de agradecer e perguntar se tem alguma coisa que a gente não perguntou e que tu gostaria de deixar registrado.

C.B. – Como a gente diz no mundo da política, porque muito antes de ser do boxe, eu era militante. Independente de partido ou qualquer outra coisa, eu tenho essa coisa de invadir o espaço dos outros, de ultrapassar barreiras, é um defeito ou uma qualidade de fábrica que eu tenho desde criança. Toda e qualquer pesquisa que tiver em volta do boxe ou do esporte que eu puder dar um depoimento, que eu puder inclusive ajudar a fazer esse resgate cultural, eu me coloco totalmente a disposição dentro de uma agenda apertada. E eu acho que quanto mais pesquisas e mais divulgação... Hoje em dia a gente não tem só a grande mídia como formadora de opinião, igual uma vez, em que a gente fazia o trabalho de escola na máquina de escrever e achava grande coisa. A formadora de opinião era a Globo e o SBT, a grande mídia, a Zero Hora, essas vias abertas. Hoje não, com a evolução humana, nós temos ferramentas formadoras de opinião, temos trabalhos de faculdade, temos pesquisa de campo. A gente tem o Facebook, a gente tem o Whatsapp, a gente tem rádios de moradores, todas elas formadoras de opinião. Eu acho que em relação ao esporte e os benefícios que ele traz tem que ser mais divulgado. Agora sendo um pouco menos para o meu assado, o esporte, seja ele o futebol, seja o judô, a natação... Eu acho que o esporte devia fazer parte da formação social da pessoa, porque ele te dá um autocontrole, te dá benefícios para a saúde, te dá um nível de concentração, te dá um benefício corporal. Eu acho que todo mundo tinha que passar por essa experiência, embora não seja o foco da vida, não quero que todo mundo vire atleta, mas eu acho que todo mundo devia passar por essa experiência. O que eu quero dizer com isso, que as pessoas não conhecem o esporte por uma deficiência pública e é por que a educação física é tão abandonada. Existe a disciplina de educação física, mas as pessoas não sabem alongar, as pessoas não conhecem as articulações do corpo. Eu fui pular corda e conhecer minhas articulações e meus tendões depois adulta, graças ao boxe, graças ao muay tai. E eu acho isso engraçado, porque se a gente vive, caminha, se alimenta, trabalha com o corpo, como a gente não conhece o corpo? Se a gente tem uma cadeira no ensino público chamada Educação Física e temos profissionais formados e pagos pelo estado para dar aula de educação física... Eu não sei na tua escola, mas na minha escola jogava a bola de futebol, jogava a bola de vôlei e o meu professor de educação física ficava folheando o jornal. Eu acho que com o Facebook, com rádios comunitárias a gente tem que fazer essa pressão em relação ao parlamento para ter

uma espécie de fiscalização na cadeira de Educação Física, para que a aula seja desempenhada em um sentido mais benéfico para as pessoas. Esse é meu registro final, fora as outras perguntas, eu acredito muito que as coisas são coligadas, não só a fé, a religião ou a boa educação ela forma a pessoa. Eu acho que nós somos um todo, um corpo físico, um corpo espiritual e um corpo mental. Por isso eu faço tanta questão de trabalhar, treinar e estudar, porque eu acho que a gente deve equilibrar as coisas. Tinha outra fama uma vez, não sei se tu chegou a conhecer, que lutador além de... Eu não gosto da palavra lutador, eu gosto da palavra atleta. Que atleta além de ser brigão de rua, ainda eram pessoas burras, que tinha um QI baixo, burros. Por que quem ia gostar de tomar soco na cabeça? E provavelmente essa forma de lutar era uma forma de ganhar dinheiro fácil, porque não tinha estudo. Hoje em dia, nós já estamos conseguindo desmentir isso, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Não é porque eu luto boxe que eu sou uma pessoa má sucedida ou frustrada, ou com um trauma na infância. E isso foi muito dito, não sei se tu chegou a pegar? Isso foi muito disseminado na época de 2013, 2012, que luta não era coisa de pessoa do bem, encerrando o assunto. Minha contribuição seria essa mesmo.

I.B. – Muito obrigada.

C.B. – Ok.

[FINAL DA ENTREVISTA]